

**EXPERIENCIANDO A EXTENSÃO A PARTIR DO CURSO “FORMAÇÃO
POLÍTICA: UMA TROCA DE SABERES ENTRE A UNIVERSIDADE E O
CAMPEPINATO EM ITAPURANGA-GO (2014)”**

Joyce de Almeida Borges

Mestre em Geografia pela UFG e Profa. do Curso de Geografia da UEG-Itapuranga.

joycealbo@yahoo.com.br

112

RESUMO: Este artigo objetiva discutir como o Projeto de Extensão intitulado, “Formação política: uma troca de saberes entre a universidade e a comunidade de Itapuranga,” e os resultados obtidos no desenvolvimento deste curso. A necessidade em desenvolver este curso, partiu da vontade dos professores em conhecer a realidade do campo de Itapuranga e de registrar o processo de luta pela terra vivenciada por estes sujeitos. Os procedimentos metodológicos utilizados neste artigo foram: uso da comunicação verbal e via rádio no processo de divulgação e convite a comunidade local, a impressão de papéis com o cronograma do Curso, as datas e as atividades a serem realizadas entregues no Sindicato Rural, COOPERAFI, e feiras de agricultura camponesa. Além de leituras sistematizadas previamente, o debate ocorreu semanalmente entre os professores dos Cursos de Geografia, História e Letras, os trabalhadores rurais e os acadêmicos da unidade de Itapuranga. Também foram gravados os depoimentos de lideranças rurais por meio de máquina fotográfica, no qual ficaram evidentes os resultados obtidos no processo de enfrentamento e as principais dificuldades da luta pela terra. E também neste processo percebemos por meio destes depoimentos e debates o que se produz em Itapuranga, como tem sido o papel do poder público, bem como os principais desafios que o campesinato enfrenta para manter-se no campo, vivendo e trabalhando.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão. Campesinato em Itapuranga. Reflexões teóricas.

ABSTRACT: This article aims to discuss the extension project entitled, "political education: an exchange of knowledge between the university and the Itapuranga community, " and the results obtained in the development of this course. The need to develop this course. left the willingness of teachers to meet the reality of Itapuranga field and record the process of struggle for land experienced by these subjects. The methodological procedures used in this article were: use of verbal communication and radio in the disclosure process and invite the local community, the printing papers to the schedule of the course, the dates and activities to be performed delivered Rural Union in COOPERAFI, and fair peasant agriculture. In addition to readings systematized previously, the debate took place weekly between teachers of Geography courses, History and Literature, rural workers and academics from Itapuranga unit. We also recorded the testimony of rural leaders through camera, in which the results were evident in the coping process and the main difficulties of the struggle for land. Also in this process realized through these statements and discussions which takes place in Itapuranga, as has been the role of the government as well as the main challenges facing the peasantry to remain in the field, living and working.

KEYWORDS: Extension. Peasantry in Itapuranga. Theoretical reflections.

Considerações iniciais

O processo de formação dos sujeitos perpassa pela incorporação de saberes não formais e formais. Nos territórios camponeses os saberes não formais se fazem presentes por meio do aprendizado diário na família, nas práticas culturais coletivas e individuais, como as festividades, a religiosidade, o lazer, o plantio, a realização de tarefas domésticas e de produção. Já os saberes formais, estes podem ser apreendidos por meio das escolas, universidades e das mídias em geral. Assim, partindo desta reflexão propomos durante o segundo semestre de 2014 a realização de reuniões nas quais pudessem contemplar experiências provenientes do saber social apreendido por trabalhadores rurais do campo, a partir de experiências políticas e coletivas, em junção a textos teóricos de autores das áreas de História e Geografia em um debate semanal.

Assim, este artigo, é fruto da experiência de diálogo entre a universidade e o campesinato em Itapuranga realizada na Unidade da UEG, entre professores e acadêmicos do Curso de Geografia, História e Letras e a presença de lideranças de entidades coletivas que fortalecem o município na contemporaneidade para refletir acerca da política agrária do Brasil, de Goiás e de Itapuranga, bem como entender os desafios vivenciados por estes sujeitos na contemporaneidade.

Neste sentido, este artigo divide-se em três partes. A primeira trata da metodologia, dos desafios e percalços encontrados ao executar o projeto de extensão, a segunda parte debate os aspectos teóricos apontados durante as reuniões, e a última parte menciona os principais resultados e atividades realizadas no processo de construção do referido projeto.

Procedimentos metodológicos da extensão: uma parceria entre a unidade universitária da UEG e o campesinato de Itapuranga.

Entendemos por extensão, o real envolvimento entre a universidade a comunidade externa de Itapuranga. E neste sentido, não foram medidos esforços para conseguir envolver as lideranças de cooperativas, sindicatos rurais e representantes de entidades do campo para participarem do Projeto de extensão desenvolvido no espaço da UEG, no Sindicato Rural e nas comunidades do campo do município.

Primeiramente, a divulgação do Projeto de Extensão intitulado, “Formação política: uma troca de saberes entre a universidade e a comunidade de Itapuranga” realizou-se a partir da presença física dos professores dos Cursos de Geografia, História e Letras entre os trabalhadores rurais, no Sindicato, na COOPERAFI, nas feiras da agricultura camponesa. Além da comunicação verbal no processo de divulgação e convite, foi impresso um papel com o

cronograma do Curso, as datas e as atividades a serem realizadas, entregues entre as lideranças, com cópias a serem distribuídas a outros trabalhadores rurais. Ainda em relação à divulgação, a Rádio Alternativa da cidade, também foi utilizada como veículo de comunicação, uma vez que os professores envolvidos no curso, também trabalham como voluntários neste instrumento local. Esta divulgação ocorreu em Agosto/2014, assim como a seleção dos textos a serem utilizados no curso e o planejamento do cronograma a ser desenvolvido.

Em setembro, iniciam-se as reuniões na UEG, no qual a cada encontro era debatido o texto relacionado, a presença dos sujeitos que iriam fornecer um dos depoimentos de uma das lideranças das entidades do campo da comunidade de Itapuranga no qual foi gravado. O primeiro encontro foi realizada uma apresentação do grupo, da metodologia utilizada, dos sujeitos envolvidos, da seleção de textos, reforçou-se a necessidade de realizarmos as leituras previamente para o bom andamento do curso, bem como a presença contínua. No primeiro encontro, debatemos um pouco do histórico de luta pela terra no Brasil com alguns dados do livro de Scolesi (2007) em que o debate propiciou reflexões sobre o processo de Reforma Agrária, na política e na economia brasileira.

Entre os depoimentos gravados registramos a presença primeiramente do Senhor João Benfica, realizado no dia 11 de outubro de 2014. Neste depoimento registramos como questão central, as dificuldades encontradas na década de 1970 e 80 para organizar os trabalhadores rurais, uma vez que a repressão da ditadura militar se fazia presente.



FIGURA 01: Depoimento do Senhor João Benfica.
Reunião do Grupo de Extensão. Out./2014.
Organização: BORGES, Joyce de Almeida.

Conforme a figura 01, observamos que a rotina do curso de extensão se deu com um número significativo de estudantes, professores e pessoas da comunidade de Itapuranga. No decorrer dos encontros, nos deparamos com falta de espaço físico adequado para as reuniões, falta de ar condicionado, uma vez que os encontros se davam na parte da tarde. Porém, estes

empecilhos físicos, não desmotivaram os sujeitos envolvidos, e conseguimos dar andamento aos objetivos do curso e realizar nossos debates e diálogos.

Finalizamos nossas reuniões com uma palestra de um Prof. da UFG e por fim, encerramos com um mutirão entre professores, acadêmicos e moradores do campo para reflorestar a nascente do Córrego Canastra como detalharemos a seguir nos resultados alcançados propostos neste artigo.

Reflexão teórica: um diálogo entre teóricos que debatem a dinâmica territorial do campo e os sujeitos envolvidos neste processo

“A agroecologia inclui: o cuidado e a defesa da vida, produção de alimentos, consciência política e organizacional.” (Via campesina e MST, 2009)

Continuando, as descrições, aos aspectos relativos dos nossos estudos do Grupo de Extensão, realizamos a leitura de textos voltados para Cooperativismo e Agroecologia. Para entendimento do que era o cooperativismo, buscamos Guhur e Toná (2012), que no Dicionário de Educação do campo apresenta textos sobre as variações deste conceito. Buscamos aprofundar também em relação à Agroecologia, para podermos dialogar com os representantes da COOPERAFI (Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga).

O termo agroecologia surge na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada a agricultura, conforme nos explica Gliessman (2000) *apud* Guhur e Toná (2012). Posteriormente este termo se populariza, em meados de 1980 e vai ganhando força nos movimentos ambientalistas, na sociologia, da antropologia, no desenvolvimento rural e na geografia. Assim, atualmente podemos considerar duas vertentes da Agroecologia, uma com um viés norte americano representada pelos trabalhos de Miguel Altieri e Stephen Gliessman. E a outra vertente, conhecida como “europeia”, que busca interpretar os aspectos mais sociológicos do campesinato na América Latina no qual pode ser representada principalmente por Eduardo Sevilla-Guzmán e Manuel Gonzalez de Molina, ambos ligados a Universidade de Córdoba, na Espanha.

No Brasil, posteriormente a intensificação da Revolução Verde, alguns estudiosos realizam trabalho que contestam o modelo de implantação da Modernização Agrícola conservadora a partir de pressuposto de uma “agricultura alternativa”. Entre os pioneiros a realizarem trabalhos de denúncia ao uso de agrotóxicos e críticas a Revolução Verde, destacam-se José Lutzenberger e Adilson Paschoal. Assim como também Ana Primavesi, que passa a considerar o solo como organismo vivo, e Sebastião Pinheiro e Luiz Carlos Pinheiro, que

também questionavam o uso irracional de agrotóxicos e a forma do desenvolvimento de técnicas de produção. (GUHUR; TONÀ, 2012).

As culturas milenares de técnicas de cultivos baseadas em formas menos degradantes de produção tem sido substituídas por técnicas agressivas a partir da implementação do discurso da Revolução Verde, que prometia a acabar com a fome e produzir grandes proporções de gêneros alimentícios. Deste modo, a Terra há séculos sofre impactos das ações humanas. Estas ações implicam em consequências que degradam intensamente os solos, rios, águas e o ar. O uso de técnicas agrícolas ofensivas, como o veneno ou agrotóxico traz danos à saúde humana e ao planeta. Sabemos que o uso abusivo destas práticas tende a comprometer em curto prazo os mananciais hídricos, as áreas agricultáveis e pode desencadear a intensificação de outros problemas ambientais como a desertificação, mudanças climáticas etc. Assim, sobre o uso de práticas agrícolas que não respeitam a terra e seus impactos futuros, podemos dialogar com Sauer e Balestro (2009, p. 33):

A ese fenómeno contribuirá en gran medida la degradación que muchas de ellas experimentan y van a seguir experimentando de proseguir las mismas prácticas agrícolas. Se estima, por ejemplo, que el rendimiento de los cultivos en África se verán reducidos a la mitad dentro de cuarenta años si la degradación de las tierras sigue al mismo ritmo.

Neste contexto, em contrapartida ao modelo de produção que valoriza a concentração de terras, o latifúndio e exploração ambiental e social de forma exacerbada, concebemos a Agroecologia como uma perspectiva para o fortalecimento de territórios camponeses:

A agroecologia é entendida como uma nova abordagem da agricultura, uma base científica que integra diversos aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos para a produção de alimentos, capaz de realizar a crítica da agricultura convencional e orientar o correto redesenho e manejo dos agroecossistemas em busca da autossustentabilidade. (MARCOS, 2007, p. 184)

O modelo agroecológico de produção, a partir do século XXI passa a ser uma referência de luta política, ideológica, econômica e cultural para os movimentos camponeses como a Via campesina, MST entre outros. Tal debate passa a ser discutido intensamente nos seio destes movimentos, em congressos e eventos. Destes debates gesta-se A ANA (Articulação Nacional de Agroecologia) e a ABA (Associação Brasileira de Agroecologia).

Neste sentido, temos consciência de que a Agroecologia por si não é capaz de dar respostas à sociedade e nem salvar a mesma dos problemas ambientais nos quais estamos

embuídos. Mas a vislumbramos como uma alternativa junto a um Projeto de Reforma Agrária, junto a um novo modelo educacional, junto a novos hábitos de consumo. Pois concordamos com Gonçalves (2012), com o fato de que a melhor alternativa para a sociedade não deve estar em uma “agricultura sem agricultores”. Deste modo pensamos a Agroecologia junto a Reforma Agrária como um mecanismo necessário para questionarmos o modelo hegemônico de produção com base no veneno, a fim de garantir a soberania alimentar, a autonomia do trabalho e o cultivo de alimentos saudáveis em nossas mesas.

O debate sobre Agroecologia e as atividades da COOPERAFI, aconteceram no dia 16 de outubro de 2014. O líder presente desta cooperativa foi o Senhor Ilmon, que descreveu todo o processo de implantação, desenvolvimento e consolidação da cooperativa. Ilmon nos explicou, sobre como inicia a cooperativa, a partir da “*Sociedade da Vaca*”, como mecanismo contra o aumento do preço da carne, no qual os lucros foram divididos entre os associados. O líder explica que hoje somam 130 cooperados na COOPERAFI, os quais produzem horticultura, açúcar mascavo, rapadura, doces, bolos e polpas de frutas. Esta cooperativa surge em 1997, sob influência da FETAEG (Federação Estadual e Trabalhadores da Agricultura).



FIGURA 02: Reunião do Grupo de Extensão. (Depoimento do Líder da COOPERAFI)

Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2014)

No início de Novembro, as discussões no grupo de extensão, estendem-se para o papel da Igreja Católica na luta pela terra em Goiás e no Brasil. A partir de 1960, a Igreja Católica vivia um momento de heterogeneidade em seu seio. No qual havia uma ala que defendia a tradição, a família, e a propriedade que pode ser denominada como ala conservadora, e outra que defendia uma igreja mais próxima do povo, segundo os pressupostos franciscanos e também do Antigo Testamento, com o livro de Êxodo, no qual era uma ala mais progressista. O primeiro passo, para a construção da Igreja Progressista foi a Ação Católica (AC), isso em 1920. Bem como a junção com outros grupos religiosos católicos como a JAC (juventude

Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica). Já o MEB (Movimento de Educação de Base) e o MER (Movimento de Evangelização Rural) inspirou a construção das CEB's, com o lema “ver, agir e julgar”. (MITIDIERO, 2008)

A Igreja católica até a década de 1960 adotava um posicionamento de telespectadora dos problemas sociais e agrários do Brasil, porém tanto a igreja quanto a sociedade perde a expectativa com relação aos resultados esperados do Estatuto da Terra, proposto por Castelo Branco e em 1973, inicia-se a prisão de muitos padres, como afirma Pessoa (1999, p.99): “Até 1979, 122 religiosos e 273 leigos católicos há haviam sido atingidos, contando o assassinato de Pe. Henrique Pereira Neto em Recife, em 1969, o sequestro de Dom Adriano Hipólito, em 1976, e outros.” Isso faz a Igreja Católica se despertar para assumir novas posturas.

Entre os principais religiosos progressistas da Igreja Católica que tiveram forte ligação com a Teologia da Libertação podemos destacar: Ivo Poletto, Dom Celso Pereira de Almeida, Frei Marcos, Irmã Nadir, Antônio Canuto, Maria das Dores Silva Santos, Dom Fernando Gomes dos Santos, Pedro Casalgaldia, Pe. Almery Bezerra, Frei Betto, Leonardo Boff, Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz, Pe. Pereira etc. (RODRIGUES, 2008)

Assim, a Cidade de Goiás, a antiga capital do Estado, passa a ter um contexto sócio político e religioso imbricado, após a chegada de Dom Tomás Balduino, em 1968. Este bispo foi bastante influenciado pela Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia, e a Conferência de Puebla, no México, em 1979. Nestas conferências a igreja assume adotar a ‘opção preferencial pelos pobres’. O Papel de Dom Tomás foi ao sentido de evangelizar, fortalecer a formação de lideranças, contribuir na organização e mobilização dos camponeses em Goiás a partir das pastorais, era uma militância política e de fé.

Para elucidar a militância religiosa e política presente em Itapuranga e em Goiás, ouvimos os depoimentos de Sebastião Rafael Gotijo, mais conhecido como “Tião Lobó”, que nos destacou detalhadamente o processo de violência e opressão vivenciada por ele na Fazenda Estiva na cidade de Goiás. Segundo o entrevistado, a luta se deu, a partir de muita resistência inclusive armada, na qual Dom Thomás os incitava: “*se vocês não forem, vou mandar umas saias para vestir em vocês*”. Ou seja, neste processo foi necessária a força coletiva, de trabalhadores tanto de Itapuranga quanto Goiás para ocuparem as fazendas e dar início aos primeiros assentamentos da região.

Lobó nos envolveu em suas histórias de luta, ao declarar que tiveram que usar armas contra a violência dos capangas e jagunços que se faziam presentes, ameaçando vários

trabalhadores em Goiás. E ele era um dos que mobilizava o pessoal e apoiava-os no sentido de fortalecer o grupo. Sebastião, trabalhou no CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e na CPT (Comissão Pastoral da Terra), além de ser militante do PT (Partido dos Trabalhadores) e sindicalista junto a Secretaria Estadual de Educação.

Resultados alcançados

No mês de Novembro, destacamos também entre as leituras que mais contextualizaram a realidade do município de Itapuranga, a leitura da tese do Prof. Dr. Valtuir Moreira Silva, intitulada “Trabalhadores rurais em Itapuranga: (re) invenção no cotidiano de suas experiências de luta 1956-1990”. Esta tese propiciou remeter a história de luta pela terra no município, no contexto agrário inicial da Diocese de Goiás, como cenário de disputa territorial. A cidade localizada a 80 km da Cidade de Goiás. Apesar da cidade de Itapuranga não apresentar atualmente nenhum assentamento, ela já foi e continua sendo uma região de conflitos no campo a exemplo da região, do Córrego da Onça, estudada por Silva. A região do Córrego da Onça, especificamente na Fazenda Maria Alves, foi local de conflitos em 1970, pela presença de José Caiado, mais conhecido como Fiote Caiado, que quis expulsar 30 famílias dali, no entanto estas resistiram. E estes posseiros foram de fundamental importância para a luta pela terra em Goiás, porque auxiliaram na primeira ocupação na Cidade de Goiás, para a territorialização do primeiro assentamento no município de Goiás, o Assentamento do Mosquito.

Silva (2001) privilegia o papel central dos sujeitos como protagonistas e não o papel de instituições religiosas, sindicais ou políticas ao analisar a luta pela terra em Itapuranga, e avalia que os trabalhadores aceitaram a mediação das instituições religiosas para fortalecer a permanência na terra. Partindo desta análise e comparando com a realidade do Município de Goiás, observa-se que a relação entre a Igreja Católica, os movimentos sociais, o sindicalismo e os trabalhadores rurais deste município pode ser diferente, uma vez que observamos de antemão um papel maior da Igreja Católica no município de Goiás em incentivar a construção de sindicatos rurais, por exemplo, coordenar as ocupações, etc; do que em Itapuranga, até porque em Itapuranga o sindicato dos trabalhadores rurais precede a chegada do apoio eclesial na região. Inclusive antes do Sindicato Rural de Itapuranga existiu também a Associação dos Lavradores de Xixá criada em 1956, que buscava o abaixo do arrendo e a resistência contra a exploração e violência presente entre os trabalhadores do campo. (SILVA, 2007)

Pessoa (1999) nos esclarece que a luta pela terra no estado de Goiás se inicia a partir da ocupação de posseiros na Fazenda Maria Alves, em Itapuranga, posteriormente, na Fazenda Estiva, a margem do Rio Bugre, em Goiás, sob a pressão da violência de jagunços e enfrentamentos policiais. E em seguida, O grupo de camponeses de Itapuranga e Goiás também ocuparam a Fazenda São Sebastião do Mosquito. Somente após estes camponeses irem ocupar a Prefeitura de Goiás e também de Goiânia para garantir a repercussão do fato é que conseguiram o direito a desapropriação. Assim, a partir da análise minuciosa e interpretativa das primeiras articulações de ocupações em Goiás, Pessoa (1999) também nos chama a atenção para o fato de que foram vários atores envolvidos na luta pela terra, primeiro os camponeses mencionados aqui, bem como a Arquidiocese de Goiânia, o Partido Comunista, as Ligas camponesas, ou seja, as mediações de entidades religiosas, sindicais, partidárias e o MEB (Movimento de Educação de Base). Neste contexto, podemos definir a seguinte trajetória da “revanche” dos camponeses:

Município de Itapuranga (1970)	Município de Goiás e de Itapirapuã. (Junho/1984)	Município de Goiás (1985)
Fazenda Maria Alves ou região do Córrego da Onça	Fazenda Estiva/São João Do Bugre e Serra Branca	Fazenda Mosquito

Quadro 01: A trajetória inicial de ocupação dos camponeses em Goiás.

FONTE: PESSOA, Jadir. A revanche camponesa, 1999.

Contudo, com outro foco de discussão, ampliando agora o debate acerca da produção econômica agrária na contemporaneidade, buscamos analisar uma das atividades principais de cultivo em Goiás, a partir da Cana de açúcar em Itapuranga. Para tal análise, apreendemos a leitura do artigo de Ana Michele Ferreira sobre as condições de trabalhos dos bóias frias que retiram a cana na lida em Itaberaí. Neste texto analisamos diferentes dados a respeito das problemáticas enfrentadas por estes trabalhadores, como o desgaste físico, a falta de equipamentos de trabalho adequados, imagens que demonstram sapatos e facões estragados, baixos salários entre outras informações que muito nos auxiliaram a compreender a dinâmica da cana também em Itapuranga.

Como parte das atividades que também precisam citar a partir da realização do Projeto de Extensão, destaca-se a palestra promovida e ocorrida no dia 29 de Novembro de 2014, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga. Esta palestra foi ministrada pelo Prof. Dr. Manuel Calaça, professor titular do Curso de Geografia da UEG. O tema ministrado pelo professor foi “Amazônia em chamas”, esta na qual envolveu acadêmicos dos diferentes

curso da UEG, professores e as lideranças dos movimentos sociais do campo do município. Primeiramente foi exibido um documentário, no qual discutido a vida e a ação sindicalista de Chico Mendes seguido de debate e perguntas do público presente, conforme a figura 03 que se segue:



FIGURA 03: Palestra com o Prof. Dr. Manoel Calaça (UFG).
Tema: Amazônia em chamas. Local: Sindicato Rural/Itapuranga-Go.
Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2014)

Por fim para finalizar as atividades do Curso de Extensão e realmente fazermos uma atividade de cunho prático junto à comunidade de Itapuranga, realizamos um reflorestamento na propriedade do morador do campo, Elias. O reflorestamento contou com a presença de quatro professores da unidade, dois estudantes, o líder da COOPERAFI e familiares do proprietário. Coletivamente, realizamos o replantio de 75 mudas de árvores nativas do Cerrado na região. As mudas foram obtidas a partir de doações do viveiro da Prefeitura de Itapuranga e de mudas cedidas pela própria COOPERFI e pelos moradores locais.

O replantio de mudas foi realizado, no dia 07 de Dezembro de 2014. Nesta data, foi um dia de muita chuva, no qual impediu a presença de alguns estudantes, mas consideramos que fechamos o grupo com “*chave de ouro*”, como afirmou um dos professores, pois estávamos como muito entusiasmo, força, união e alegria ao realizarmos esta atividade que simboliza algo fundamental como contribuição ao fortalecimento da nascente do Rio Canastra, com um melhor clima no local, e com mais espécies endêmicas propícias ao Cerrado. Estas nas quais podem ser utilizadas futuramente pelos próprios moradores, como pelas crianças que também se envolveram no replantio. Esta atividade pode ser ilustrada por meio da figura 04:



FIGURA 04: Reflorestamento de mudas endêmicas do Cerrado na Nascente do Rio Canastra.
Organização: BORGES, Joyce de Almeida. (2014)

Considerações finais

Gonçalves (2012) nos alerta a partir de dados e pesquisas de que a quantidade de uso de agrotóxicos no mundo tem multiplicado em proporções maiores do que o aumento de áreas a serem cultivadas pela agricultura. O termo *cida*, vem do latim (*cedere*) e significa, matar, portanto uso de dos “cidas”, ‘herbicidas, fungicidas’ pesticidas”, é um modelo para a morte e não para a vida. Há uma redução de disponibilidade de área agricultável, e o número de suicídios na Índia em virtudes de problemas psicológicos trazidos pelas sequelas do uso de agrotóxicos é terrível, segundo Machado (2014) passa de 100 mil. Além disso, a quantidade de famintos no mundo também ultrapassa o número de um bilhão de pessoas. Ou seja, o modelo de produção capitalista não tem sido pensado a partir das questões sociais, culturais, políticas e ambientais. Somente por meio da dimensão econômica. O que significa que não se trata apenas de um alarde exagerado de ambientalista é um fato que compromete seriamente a água, a fauna, a flora, a terra, a sociedade. A vida.

Neste contexto, uma das questões debatidas repetidamente em vários encontros, foi a produção da cana de açúcar no qual evidenciamos como o tipo de cultivo mais danoso ao solo, às nascentes dos rios, principalmente a do Rio Canastra, já comprometida, além desta atividade apresentar uma ameaça a permanência da cultura local e da permanência do campesinato de Itapuranga. Nestes debates visualizamos que grande parte dos camponeses que arrendaram terras as usinas hoje se veem com terras degradadas, em condição de subalternidade e dependência econômica em relação aos donos das usinas canavieiras.

Diante disso, nos perguntamos: O que fazer perante tantos problemas ambientais causados principalmente por atores hegemônicos como as empresas multinacionais, os grandes latifundiários agrícolas e pela negligência violenta do Estado? Como educadores, precisamos continuar acreditando que a educação pode ser um dos elementos necessários para se repensar as práticas agrícolas sobre o mundo. E neste sentido, se deu a importância da realização deste

Grupo de Extensão, no qual grande parte destas problemáticas descritas acima, foram problematizadas, debatidas e repensadas.

Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3^oed. RJ: Expressão popular, 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez; *et al* (orgs.). *Por uma educação do campo*. RJ: Vozes, 2004.

CALDART, Roseli (*et al*) Orgs. *Dicionário de Educação do campo*. SP: Expressão popular, 2012.

MARCOS, Valéria de. *Agroecologia e campesinato: uma nova lógica para a agricultura do futuro*. Revista Agrária: SP, 2007. n°07. P. 182-210.

MENDONÇA, Marcelo. (Org.). *Agroecologia: práticas e saberes*. Catalão: gráfica modelo, 2012.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antônio. *Igreja, campesinato e luta pela terra no Brasil*. EGAL, Costa Rica, 2011.

PESSOA, Jadir. *A revanche camponesa*. UFG: Goiânia, 1999.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro. *Enraizamento de esperança: as bases teóricas do Movimento de Educação de Base em Goiás*. Tese de doutorado: FE, 2008.

SANTOS, Ana Michele Ferreira. *O doce amargo na superexploração canavieira*. Revista: Visão Acadêmica. UEG: Cidade de Goiás, 2012.

SAUER, Sérgio. BALESTRO, Moisés Villamil.(orgs.) *Agroecologia e os desafios da transição agroecológica*. SP: expressão popular, 2009.

SOUZA, Francilane Eulália de, (*org.et al.*) *Geografia e educação do campo: para que e para quem serve a educação no campo do Estado de Goiás?* Goiânia: Vieira, 2010.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente. Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. [Trad. Dinah de Abreu Azevedo]. SP: Gaia, 2003.

SILVA, VALTUIR. *Trabalhadores rurais em Itapuranga: (re) invenção no cotidiano de suas experiências de luta 1956-1990*. Tese de doutorado. UNB, Brasília, 2007.